

Exploração da memória e da atenção em tempos acelerados: o caso Rewind

Maria Eugênyia Pacioni Gomes¹

Resumo: Vivemos hoje em uma sociedade permeada pelo advento da internet de modo aparentemente irrecuperável. Uma vez que a normalização dos ambientes digitais e da hiperconexão não se estabelece socialmente sem deixar consequências, o presente trabalho investiga a aceleração do tempo, as percepções subjetivas da temporalidade e impasses da memória diante dos avanços tecnológicos dos ambientes digitais como um fruto desta normalização. Especificamente fundamentados pela teoria crítica da tecnologia e da metodologia psicanalítica voltada para a comunicação, o presente trabalho investiga as técnicas de persuasão no ambiente digital, a economia da atenção e exploração do olhar e o uso de inteligência artificial que deixam lastros subjetivos sobre as pessoas, utilizando como objeto a tecnologia desenvolvida pela empresa Rewind. Por fim, enfatizamos como as estruturas de poder econômico-sociais sustentam a dependência tecnológica, e como nossas consciências e modos de estar no mundo tornam-se um reflexo direto da aceleração no ritmo maquínico das tecnologias hoje produzidas.

Palavras-chave: Aceleração; inteligência artificial; economia da atenção; memória; psicanálise.

¹ Mestranda em Ciências da Comunicação na ECA/USP e bolsista CAPES. É especialista em Cultura Material e do Consumo (USP, 2022), MBA em Administração, Finanças e Geração de Valor (PUC-RS, 2020) e graduada em Produção Cultural (FMU/SP, 2017). Integra o grupo de pesquisa em Filosofia “Estilhaço”, o grupo “Jornalismo, Direito e Liberdade” e o Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise (todos da USP). Membro da International Society of Psychoanalysis and Philosophy. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3450-5336>.

Exploitation of memory and attention in accelerated times: The case of Rewind

Abstract: Today, we live in a society that has been affected by the advent of the Internet in a seemingly irreversible way. Since the normalization of digital environments and hyperconnection is not socially established without leaving consequences, this paper investigates the acceleration of time, subjective perceptions of temporality, and memory impasses in the face of technological advances in digital environments as a result of this normalization. Specifically from the perspective of critical theory of technology and psychoanalytic methodology focused on communication, this paper investigates persuasion techniques in the digital environment, the attention economy, and the use of artificial intelligence that leaves subjective traces on people, using as an object the technology developed by the company Rewind. Finally, we emphasize how economic and social power structures sustain technological dependence, and how our consciousness and ways of being in the world directly reflect the acceleration in the machinic pace of technologies produced today.

Keywords: Acceleration; artificial intelligence; attention economy; memory; psychoanalysis.

Introdução

A histórica relação entre o desenvolvimento tecnológico e a aceleração dos processos cotidianos da vida se tornou um tema de atenção após o advento da popularização da internet. Uma nova forma de vida foi incorporada principalmente nos últimos 20 anos com a facilitação do acesso à rede mundial de computadores em alta velocidade através de dispositivos móveis. Nessa nova forma de viver, a normalização social da ubiquidade digital transformou o cotidiano humano, possibilitando a trocas de informações em tempo real, transações bancárias instantâneas, consumo de cultura e solicitação de serviços a qualquer hora através das redes sociais e de aplicativos [*apps*]. Mais recentemente, com o surgimento das plataformas digitais¹, da onipresença dos anúncios *online* [*ads*], da coleta e venda de dados de comportamento dos usuários, o formato de desenvolvimento destas ferramentas passou a utilizar técnicas avançadas de engenharia de persuasão para estimular a adicção nestes ambientes e garantir seu uso contínuo.

O emprego crescente de tecnologias que incorporam inteligência artificial sugerindo solucionar questões intrínsecas à criatividade e autonomia humanas coloca em sinal de alerta para consequências éticas, de trabalho e de desenvolvimento cognitivo das novas gerações. Utilizamos como objeto de representação deste momento histórico o caso da empresa Rewind.ia e seu aplicativo homônimo de autovigilância pessoal, que promete gravar e coletar todos os acontecimentos da vida do seu usuário em formato recuperável de dados, para uso futuro. Questionamos então sobre o uso de tais tecnologias, culturalmente e economicamente incentivadas para abarcar todas as tarefas humanas, como a produção e fornecimento de dados e matéria-prima exploradas por conglomerados de tecnologia que possuem imenso poder para induzir decisões, através de suas plataformas, sobre a produção e a circulação da verdade, influenciar estratégias tomadas por governos em diversos âmbitos (gestão da mobilidade urbana, especulação imobiliária, desmobilização de classes de trabalhadores e etc.), assim como a própria saúde mental da sociedade.

O presente trabalho discute o âmbito da aceleração, as percepções subjetivas do tempo e de memória dentro da atual sociedade hiperconec-

¹ O conceito de “plataformas digitais” pode ser definido como “infraestruturas digitais (re)programáveis que facilitam e moldam interações personalizadas entre usuários finais e complementadores, organizadas por meio de coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados” (Poell; Nieborg; van Dijck, 2020, p. 4).

tada e hiperacelerada, pensando nas estruturas de poder econômico-sociais e na dependência tecnológica que vem se cristalizando, impactando nossas consciências e modos de estar no mundo.

O tempo e o desenvolvimento tecnológico

No documentário *Paul Virilio – Pensar a velocidade*, dirigido por Stéphane Paoli (2008), o filósofo e arquiteto francês Paul Virilio traz suas percepções sobre a aceleração da vida cotidiana, principalmente através da comunicação e da troca de informações. O documentário conta também com a participação de outros pensadores do assunto, como o escritor estadunidense Jeremy Rifkin, que conceitua a *Era do acesso* (2021) e as estruturas de trabalho do século XXI em suas pesquisas. Rifkin traça um levantamento histórico sobre as acelerações provocadas pelas revoluções industriais através do desenvolvimento tecnológico. Em sua fala no documentário, explica que

[c]ada Revolução Industrial vem acompanhada de uma nova aceleração no mundo. Na 1ª Revolução Industrial, entre 1830 e 1880, houve grande mudança na velocidade de comunicação entre as pessoas devido à nova revolução de energia (máquinas movidas à vapor), de comunicação (jornalismo acelerado pela imprensa em escala industrial) e da vida urbana, acelerando a densidade e interação entre as pessoas, modificando assim a cognição e nosso modo de vida.

No século XX, com a 2ª Revolução Industrial, a vinda da eletricidade, do telégrafo e do telefone no âmbito das comunicações, junto do petróleo e o motor movido à combustão interna no âmbito energético, novamente aceleramos o ritmo, a velocidade, o fluxo e a densidade das trocas humanas, passando da vida urbana à vida suburbana.

Hoje vivemos a 3ª Revolução Industrial, com as tecnologias de informação e de comunicação – a internet – associada à energia renovável acelerando também o ritmo, a velocidade, o fluxo e a densidade.

Quando isso acontece, muda a consciência (Rifkin, *apud* Paul Virilio, 2008, 16m 23s.).

Segundo Rifkin e Virilio, quando a aceleração na 3ª Revolução Industrial apropria-se de praticamente todos os âmbitos da vida humana, há uma mudança significativa na percepção do que entendemos como *consciência*, pois sua plena inserção (ou tentativa de inserção) no ritmo do tempo das máquinas, ou ainda, no tempo do digital, a transforma profundamente. Pontua Virilio que,

[h]oje, com a instantaneidade, a ubiquidade e o imediatismo, atingimos o limite do nosso próprio poder com a ameaça de

delegar esse poder a programas de computador e máquinas que são eficientes na questão de aceleração e que o homem não controla totalmente. Há uma delegação do poder. Lembrando que, se tempo é dinheiro, a velocidade é poder. Há uma delegação de poder à máquina (Paul Virilio, 2008, 3m 36s).

As relações entre a percepção do tempo para as pessoas e sua aceleração com o desenvolvimento das máquinas e tecnologias durante as revoluções industriais estão interconectadas com as relações de poder que as classes dominantes exercem sobre as classes dominadas através da exploração do trabalho. As revoluções industriais introduziram uma aceleração na produtividade de bens em um ritmo inédito de produção na história humana. O tempo acelerado das máquinas, não traduziu-se diretamente em maior tempo a todas as pessoas para gozarem de suas vidas, mas certamente, transformou a experiência de temporalidade delas como um todo.

A compreensão cronológica, ou seja, a forma de observar o tempo contado progressivamente, altera-se subjetivamente para adaptar-se às novas acelerações e às novas formas de poder capitalista. É possível observar materialmente estas transformações nos objetos da vida cotidiana, como a maneira com que os relógios eram utilizados nas fábricas na virada do século XIX para o XX. Os ponteiros de minutos analógicos eram de fácil adulteração pelos chefes de fábricas para aumentar o tempo de trabalho dos operários sem que estes percebam, como explica Bucci em seu livro *A Super Indústria do Imaginário* (2021). Também, o relógio da torre da praça central das cidades, marcador de domínio hegemônico de um ritmo a todos daquele espaço, passa gradualmente a habitar as casas e logo depois, os bolsos e pulsos dos trabalhadores. O imperativo de um ritmo de trabalho e de vida produtiva dentro dos termos do sistema econômico capitalista é convidado voluntariamente pelas pessoas que, aderindo aos relógios como acessórios, são lembrados constantemente do passar do tempo ao ritmo da produção.

Além da imposição de controle do tempo sobre a vida e sua constante determinação dos ritmos diários, existem técnicas em que a manipulação se dá na supressão de marcadores da passagem do tempo para evitar a sua percepção. Observa-se a ausência de relógios e de janelas, ou outras formas de observar a luz do dia, em ambientes onde não se deve notar que o tempo está passando em prol do aumento da produção ou do consumo, como nos centros de trabalho exploratório, nos shopping centers, supermercados, cassinos etc. Controlar onde o tempo pode ou não pode passar molda subjetivamente a experiência das pessoas na realidade capitalista (Fisher, 2022).

Os relógios então se tornaram símbolos históricos da vida urbana do século XX. Eles fazem parte do processo evolutivo e transformador da captação da percepção humana do tempo em sua interação com as máquinas e tecnologias, das inscrições simbólicas (nos objetos, arquiteturas e linguagens) da angústia gerada pela incapacidade de lidar de fato com o imperativo do Real² (Lacan, 1998) intrínseco do Tempo (que se impõe em suas impossibilidades) e nossa condição de finitude percebida em vida, resultando na incessante produção de soluções aceleradoras ou desaceleradoras de adaptação do humano através da delegação desse poder de controle e administração do tempo às máquinas.

Assim, podemos afirmar que o desconforto da sociedade atual com a aceleração resulta de uma inadequação dos tempos naturalmente humanos e do tempo exigido pelo capitalismo. Rifkin relaciona esse desconforto em relação à aceleração do tempo com o crescente uso de drogas (lícitas e ilícitas) e seus efeitos depressores ou estimulantes. O filósofo explica que,

[n]inguém fala das causas da cultura das drogas. Há dois tipos de drogas, as estimulantes e as depressoras, que alteram a percepção de tempo como efeito, acelerando ou desacelerando sua referência temporal. Temos agora três gerações presas nessa revolução *high-tech* da comunicação, que não se adaptam à velocidade, ao ritmo e à densidade das trocas. Estimulantes e depressivos tentam reajustar nossa própria temporalidade à essa velocidade da sociedade para a qual não fomos criados, como primatas (Rifkin, *apud* Paul Virilio, 2008, 25m. 31s.).

Comoditização do desconforto temporal

Em *Neoliberalismo como gestor do sofrimento psíquico*, Vladimir Safatle (2021) se aprofunda nos ideais psicológicos da atualidade fundamentados através de lógicas corporativas: espera-se que o sujeito contemporâneo esteja apto a produzir, performar e consumir sempre. Esse quadro resulta na aceleração dos processos cotidianos, em decorrência de dois séculos de constante tentativa de adaptação do humano com uma temporalidade propícia para o capitalismo industrial e, em seguida, para o consumo. Como vimos anteriormente nas declarações de Rifkin, essa aceleração pode ser analisada através da mudança de hábitos da sociedade, como o aumento do uso de drogas lícitas e ilícitas, que caminham de forma

² Aqui vale-se da composição do Real por Jacques Lacan como sendo da ordem do impossível.

conjunta com a proliferação de diagnósticos de ansiedade e de depressão, assim como outras psicopatologias associadas à percepção de tempo (Safatle *et al.*, 2021). Destas patologias, a destaca-se o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), amplamente diagnosticado entre crianças nos tempos atuais, que por ainda não estarem dentro da cadeia produtiva do trabalho, portanto, apresentam com mais clareza o atrito com o ideal do tempo do capital (Fisher, 2022). Além dos psicodiagnósticos, nota-se também o aumento dos esforços de mudanças na visão da sociedade sobre o tempo de aprendizado e formação profissional. Além da popularização de cursos de rápida duração e à distância (EAD online), há também a proliferação de métodos de leitura rápida de livros através de aplicativos que resumem em poucos minutos; o hábito de acelerar vídeos e áudios no Youtube ou aplicativos de comunicação; além dos aplicativos de *mindfulness* e ferramentas para ajudar no foco e atenção incorporadas nos sistemas operacionais de celular. Todos estes cenários são retratos de nossa tão recente e urgente inadequação ao curso do tempo e necessidade de economizar minutos e segundos.

Desta forma, lembremos que, na vida do século XXI, não é possível escapar dos efeitos, positivos ou negativos, do controle do tempo através do consumo e da produção em tempo contínuo, das demandas de produtividade do pensamento neoliberal.³ Pensamento este que tenta reger as estruturas políticas e científicas, e da imposição do digital sobre o analógico, em prol de uma extrema financeirização e comoditização da vida. Até mesmo o mais analógico dos seres, que teima em visitar a boca dos caixas de banco para simples pagamentos, por ser também consumidor de informação e produtos, não estará livre desse desalinhamento. Como argumenta Letícia Cesarino (2022, p. 111), devemos lembrar que a lógica cibernética que guia a mentalidade neoliberal precede a internet, primeiro se produz uma subjetividade para depois explorá-la e a internet tornou-se profundamente funcional para este propósito.

Assim como defende Jonathan Crary (2013) em *24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono*, que detalha com muita clareza os efeitos do uso da internet de forma ubíqua, em tempo contínuo e incessante na atualidade:

3 Como mencionado em Safatle *et al.* (2021), neoliberalismo é “uma teoria sobre o funcionamento da economia desenvolvida entre 1930 e 1970 por von Mises, Hayek, Friedman e Becker, mas também uma forma de vida definida por uma política para nomeação do mal-estar e por uma estratégia específica de intervenção com relação ao estatuto social do sofrimento”. Em suma, quando falamos do *sujeito neoliberal* estamos nos referindo ao conceito de *liberdade* através do individualismo, do estado mínimo, das políticas individualistas e do corporativismo da vida social e psíquica.

“Uma vez que não existe momento, lugar ou situação na qual não podemos fazer compras, consumir ou explorar recursos da rede, o não tempo 24/7 se insinua incessantemente em todos os aspectos da vida social e pessoal” (Crary, 2013, p. 40).

A matéria “Paradoxos das Novas Gerações”, da edição de agosto de 2019 da revista *Consumidor Moderno*, publicou um levantamento de dados sobre a crescente população que se tornou adicta ao uso dos ambientes digitais, que inclusive gerou o termo “nomofobia” para designar o medo exagerado de não poder utilizar o celular, sensação vivenciada principalmente por jovens. Constatou-se que 53% das pessoas se sentiam ansiosas quando não podiam usar seus celulares e mais da metade delas nunca o desligava.

Este vício se instaura com tamanha facilidade devido à engenharia de persuasão por trás da estruturação dos ambientes digitais. Uma das técnicas mais comuns e aditivas é a de apresentar um estímulo infinito, como nos jogos de caça-níqueis em cassinos, que inspirou a criação do *scroll infinito* em redes sociais pelo engenheiro Aza Raskin, e que em 2019 se declarou profundamente arrependido de sua criação em entrevista para o jornal britânico *The Times*. Este design que permite aumentar exponencialmente o tempo de uso da tela de um dispositivo em um aplicativo ou site específico serve como ferramenta de geração de dados de uso e de perfil para venda de anúncios [ads]. Todo o Marketing de Performance, estratégia digital na qual o retorno está totalmente atrelado ao sucesso de veiculação de um *ad*, é baseado pela dinâmica de tempo de exposição de tela, e uma sociedade de adictos digitais torna o ambiente propício para a execução de estratégias como esta. Cesarino (2022) destaca como a política de comoditização da atenção e captura de dados está diretamente alinhada com a nova configuração temporal dentro das redes, e nos alerta sobre como o poder das Big Techs sobre seus usuários passa a alienar das pessoas a própria condição de controle de sua atenção,

[c]omo apontam expoentes da “virada ética” da indústria tech, na economia da atenção a assimetria entre plataformas e usuários aumenta ao ponto de alienar desses últimos o controle sobre a própria atenção. [...] Estudos sobre a cognição e técnica destacam que um fator central à educação da atenção é de ordem temporal: o que o antropólogo André Leroi-Gourhan ([1965] 1983) chamou de ritmo. Com efeito, é o ritmo imposto pelas mídias digitais como uma temporalidade de crise permanente, que pontua o cotidiano dos usuários com eventos que demandam sua atenção e reação. (Cesarino, 2022, p. 108-9)

O caso *Rewind* e a alienação da atenção

Um caso paradigmático que encapsula nosso ponto é o da empresa *Rewind*⁴ que anunciou em 2023 o lançamento de uma inteligência artificial proprietária alimentada “por tudo que você viu, falou ou ouviu” (texto informado em seu site). A IA da *Rewind* oferece ao seu usuário o armazenamento de todas as memórias vividas, comprimidas, armazenadas, transcritas, encriptadas e resumidas de forma “inteligente” para que se possa consultar, analisar dados e exportar relatórios a qualquer momento. A captura destas informações é feita através de um software integrado em todos dispositivos do usuário (smartphone, notebook, desktop, ipad etc.), não muito diferente dos relatórios de monitoração de produtividade já nativos nos sistemas operacionais de nossos telefones e computadores, com o adendo de que se pode “assistir” a estas interações com as interfaces e pesquisar através delas. Porém, a grande inovação apresentada pela empresa é o seu *Pendant* (pendente), que vendeu mais de 3 mil unidades durante a pré-venda por conta de sua ousada promessa: o *Pendant* é um pingente usado em um colar ou lapela equipado com microfones que gravam tudo o que o usuário disser e ouvir no seu dia a dia, transcrevendo e encriptando para fácil acesso posterior, porém otimizados por inteligência artificial para gerar relatórios que prometem até mesmo analisar os tons de voz gravados, possibilitando a geração de *insights* sobre como melhorar a vida do usuário.

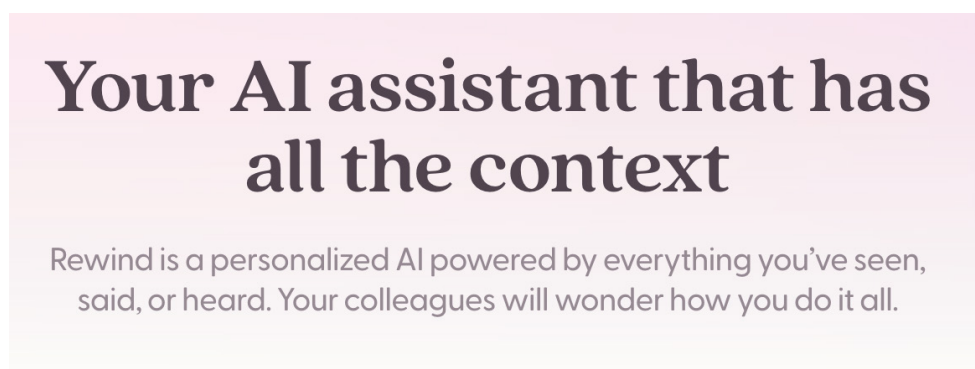


Figura 1. “Your AI Assistant that has all the context”. Fonte: Captura de tela da homepage rewind.ai. Disponível em <https://rewind.ai> Acesso em 21 de julho de 2024.

O site destaca “Rewind takes a privacy-first approach” [nós adotamos uma abordagem de “privacidade primeiro”]; no entanto, a *Rewind* não explica como a privacidade de quem interage com o usuário do aplicativo-pingente seria protegida. Após o sucesso da pré-venda, o CEO da empresa, Dan Siroker, gravou um vídeo explicando suas “ideias” e

4 Ver mais em <https://www.rewind.ai/> Último acesso em 21/07/2024.

“planos” de como assegurar a privacidade de terceiros, ou seja, embora o produto já esteja em pré-venda, a ética propriamente dita parece ainda estar nas suas primeiras fases de desenvolvimento.

Acerca do tema da ética, Mark Coeckelbergh em seu livro *Ética na Inteligência Artificial* aponta como,

o uso ético da IA exige que os dados sejam coletados, processados e compartilhados de maneira a respeitar a privacidade dos indivíduos e seu direito de saber o que acontece com seus dados, de acessá-los, de se opor à sua coleta ou processamento, de saber que seus dados estão sendo coletados e processados e (se aplicável) que estão sujeitos a uma decisão tomada por uma IA. (Coeckelbergh, 2023, p. 93)

Tecnologias como essa, por implicarem no maior apagamento das já finas linhas que separavam aquilo que conhecíamos dos limites entre o público e o privado, demandam discussões sérias sobre privacidade virtual e ética, da mesma forma como todo o ambiente digital e plataformizado tem sido discutido sobre as exigências de regulamentações. Esta linha argumentativa é semelhante à de Evgeny Morozov em *Big Tech* (2018), que reivindica pela soberania tecnológica dos países explorados pelos grandes conglomerados (usualmente, os países do “Sul Global”). Morozov clama pelas governabilidades soberanas dos países sobre as suas tecnologias e incita o necessário papel de regulamentação para que isso ocorra. Porém, nossa leitura duvida que tal soberania seja possível dentro do atual modelo político-econômico, uma vez que todo o formato de desenvolvimento tecnológico de plataforma se debruça sobre a exploração de recursos materiais (naturais, de trabalho, de pessoas) de países pobres e economicamente dependentes dentro do sistema capitalista neoliberal. Retomando o tema central de nosso trabalho, que visa investigar a aceleração, o digital e a memória, notamos como o *Rewind* serve como um ótimo objeto para discutirmos os apagamentos éticos em nome das criações de recursos tecnológicos que propagam aceleração por recolhimento de dados.

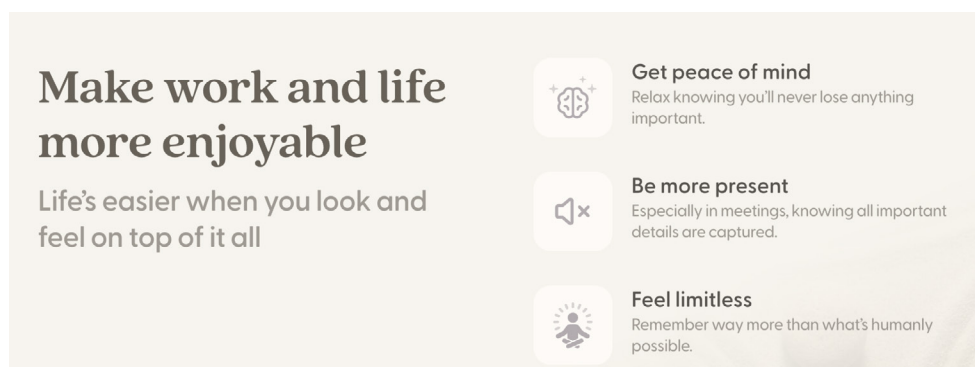


Figura 2. “Make work and life more enjoyable”. Fonte: Captura de tela da homepage rewind.ai. Disponível em <https://rewind.ai> Acesso em 21 de julho de 2024.

Tomemos aqui seus argumentos publicitários. Aquilo que o projeto da *Rewind* promete realizar é, “tornar seu trabalho e vida mais apreciável: a vida é mais fácil quando você olha e se sente por dentro de tudo”. E continua, “tenha paz de espírito – relaxe sabendo que nunca perderá nada importante; esteja mais presente – especialmente em reuniões sabendo que todos os detalhes importantes estão sendo capturados e sinta-se sem limites – lembre muito mais do que é humanamente possível”. O que nos obriga a tomarmos o argumento crítico de Crary (2016) acerca da normalização das telas em nossas vidas, mediando, capturando e doutrinando nosso olhar, face e toque. Podemos dizer que estaríamos aqui fazendo o mesmo ao delegarmos, voluntariamente, nossa memória e linguagem à IA, nos alienando totalmente do controle de nossa própria atenção (Cesarino, 2022). Especialmente, sem nos interrogarmos eticamente acerca dos efeitos deste ato.

Consequências da exploração econômica da memória

Diante de tantas camadas a serem destacadas no discurso publicitário da *Rewind*, chamamos atenção especialmente para quatro: 1. *o neoliberalismo*; 2. *a interpassividade*; 3. *o utilitarismo radical e dataísmo*; e, por fim, 4. *o esquecimento como problema*.

Em “Capitalismo de Vigilância” (2021), Shoshana Zuboff explica que na nova ordem econômica do neoliberalismo a experiência humana se torna matéria-prima gratuita para práticas dissimuladas de venda de dados (2021, p. 7). Assim, essa nova ordem se impõe através de um modo de vida que propicia o fornecimento destes dados através do uso de aplicativos que perpassam toda a experiência humana transmutado no discurso de aumento de produtividade e de qualidade de vida e bem-estar com o uso do digital. E complementando com uma argumentação de Jonathan Crary (2023), a vigilância em nosso contexto seria a menor das nossas preocupações, já que somos cúmplices da exploração de nossos dados ao entregamos de bom grado milhares de informações sobre nosso comportamento, nossa saúde e nossas preferências às empresas de tecnologia por meio do uso dos recursos e aplicativos que prometem conveniência ao nosso dia a dia, e que serão convertidos em lucro através da venda de publicidade e relatórios. Como no anúncio da *Rewind*, entende-se que ao gravarmos, registrarmos e processarmos maquinicamente nossas vidas, estaríamos finalmente mais livres e, conseqüentemente, “poderosos”. Porém, na prática, pode-se supor que o que acontece é o oposto. Estaríamos

assim sendo mais controlados, condicionados e vigiados, com mais outra forma de controle e regime de poder subserviente sendo imposta sobre nós, mas em um processo em que somos atuamos por conta própria, por entregar de bom grado a uma empresa o poder de alienação de nossa própria capacidade de memorizar e ter atenção. A palavra *Rewind* significa rebobinar, mas o tempo cronológico da vida desconhece esta habilidade, como diz o autor Milan Kundera (2017), “o ensaio da vida já é a própria vida”. Não podemos viver e reviver o que experienciamos, mesmo porque mesmo o ato de recordar nunca é o mesmo (Freud, 2010). O *Rewind* é um produto para as neuroses dos tempos perdidos, um produto que serve como metáfora para controlar o incontrolável do tempo da vida, o tempo mundano, a linearidade de Chronos que segue sempre em frente.

Compreende-se que o neoliberalismo penetra a subjetividade de maneira imanente, alterando a percepção e a atenção, diante da aceleração do tempo. O realismo capitalista (Fisher, 2022) se apropria de *todo* o tempo, de trabalho e de descanso, assim como da linguagem, infiltrando-se na produção de memórias, no comportamento, nas fantasias, em uma incessante produção de imaginários que preenchem a narrativa de que devemos alcançar o bem-estar através do consumo e da produtividade constantes. Quando um dispositivo está gravando e tomando nota, e a inteligência artificial decide o que é relevante ou não acerca do que foi gravado, para em seguida resumir e reportar estas interações e conversas em um processamento algorítmico, o que temos é a suposta ideia de que tudo resulte em um aumento de produtividade e que o usuário poderá utilizar o tempo que levaria para tomar estas decisões com “aquilo que importa”. Fica delegado ao gravador registrar a vida para que então se possa viver, sem se preocupar em lidar com perdas ou desvios da atenção. O produto propõe solucionar um problema criado pela lógica acelerada do fluxo de informação e da economia da atenção no digital, ao capturar tudo o tempo todo sem interferências, sustentando a falsa ilusão de que “nada se perderá”. Como ter “medo de ficar de fora” ou de “perder algo” quando passamos a nos automonitorar 24/7? Porém, como efeito, isso produz uma *interpassividade* no sujeito, o que nos leva ao nosso segundo ponto.

Como explica Slavoj Žižek, “o efeito imediato de possuir um aparelho de videocassete é que passamos a assistir menos filmes” (2010, p. 34) ou seja, “nunca temos tempo para a TV, então, ao invés de perder uma noite preciosa, simplesmente gravamos o filme para assistir no futuro (para o que, é claro, quase nunca há tempo)” (2010, p. 34). Trata-se da nossa satisfação sendo delegada para outros tempos, outros objetos

ou até mesmo outras pessoas. No caso do *Rewind* precisamos estar com o nosso corpo presente na atividade sendo gravada, pois o dispositivo é um acessório, o que remete ao fenômeno habitualmente presenciado em shows musicais ao vivo onde milhares de celulares são elevados à frente dos olhos pelos espectadores para gravar o que está acontecendo no palco, gerando vídeos que dificilmente serão assistidos (pela insistente má qualidade gerada por esse tipo de captura, com áudio ruim, imagem trêmula, cabeças à frente e etc.), resultando em um empobrecimento da experiência da audiência que assiste o show através da pequena tela mesmo estando no local, ao invés de, de fato, prestar atenção e vivenciar o que se desenrola exatamente à sua frente.

A aceleração e excesso de experiências a serem vividas diante de um imperativo de gozo (em que se deve aproveitar cada instante e gozar de cada momento) no neoliberalismo (Safatle *et al.*, 2021) produz um sintoma social de impotência (Fisher, 2022). Diante da certeza de que há um dispositivo gravando tudo para não se perder nada, o usuário delega para o futuro a experiência vivida como “solução” da impossibilidade de se captar todas vivências sem falhas. Se continuarmos assim, veremos um ainda maior empobrecimento das experiências, das escolhas pessoais, maior falta de atenção, maior perda de memória (tanto pessoal quanto coletiva), além da desimplicação e desresponsabilização dos sujeitos com suas escutas, que não serão mais deles, mas para um futuro virtual, acessado apenas, caso necessário.

Em “A cidade inteligente: Tecnologias urbanas e democracia”, Morozov e Bria (2019) alertam sobre o uso da palavra *smart/inteligente* para designar a função de automação existente na *Internet das Coisas*⁵, em uma reivindicação semântica do que é considerado de fato uma “inteligência”. Interrogamos então, se a inteligência artificial seria mesmo um *papagaio estocástico*⁶ ou muito mais do que isso, seriam obscuras caixas pretas⁷ exterminadoras de empregos, deturpadores de subjetividades e de cole-

5 Termo que designa uma nova geração de produtos domésticos e objetos que possuem conexão com a internet para efetuar automações e rotinas, como lâmpadas, fechaduras, termostatos, eletrodomésticos etc.

6 Trata-se da metáfora que traduz como modelos grandes de linguagem podem produzir linguagens meramente autômatas, como um eco em looping ou uma repetição infinita que se retroalimenta. Ver mais em <https://dl.acm.org/doi/10.1145/3442188.3445922>

7 O termo “caixa preta da inteligência artificial” se popularizou para designar o pouco ou nenhum conhecimento sobre as mecânicas de funcionamento do aprendizado de máquina presente em inteligências artificiais generativas, gerando questões éticas sobre vieses e falta de transparência no uso de fonte de dados.

tividades. No caso da *Rewind*, poderíamos estar nos entregando para o utilitarismo radical, o terceiro ponto aqui enumerado, no qual a produção de memórias e gestão de atenção é delegada à máquina em prol de um suposto prazer e de um superpoder em gozar de tudo, o tempo todo.

Em uma pesquisa conduzida no primeiro semestre de 2024 pela empresa Authority Hacker, foi possível detectar que apenas um terço dos consultados acreditava ser usuário de inteligência artificial, enquanto na verdade 77% utilizavam algum produto com recursos de IA. Essa lacuna de percepção é causada principalmente pelo fato de que assistentes pessoais como *Alexa (Amazon Echo)* e *Siri*, não são percebidas como inteligências artificiais pelos seus usuários, mas utilizam desta tecnologia em algumas de suas funções. Da mesma forma, poucos usuários compreendem sua interação com aplicativos ou IA pela forma de um trabalho não remunerado para as *big techs*. Esta ignorância é intencional e estrutural, visto que estes produtos também infantilizam seus usuários em seus discursos de total conveniência sem atritos, para que então eles passem a acreditar que são menos capazes de tomar decisões por si próprios em nome de uma tecnologia onisciente (Coeckelbergh, 2021, p. 96).

Nota-se que há uma expectativa de se entregar a estas tecnologias como se fossem capazes de solucionar todas as dores e dúvidas inerentes da experiência de se estar vivo, ainda que se trate apenas de uma assistente pessoal digital, que por muitas vezes, sequer entende tão bem o que lhe perguntamos. No caso *Rewind*, acredita-se ser possível resolver com análise de dados todo o esquecimento, como se a produção de memórias *per se* fosse um problema a ser resolvido “lembra[ndo] muito mais do que é humanamente possível” (Rewind, 2024), numa visão econômica capitalista de mero acúmulo, não levando em conta que a memória humana não funciona da mesma forma que uma memória de disco rígido ou armazenamento em nuvem. Como explica Byung-Chul Han em *Infocracia* (2021), vivemos sob influência de uma *lógica do dataísmo*, no qual informações e dados são explorados para controle e subserviência, mas de uma forma que o panóptico digital de Bentham passou a atuar como uma vigilância do próprio sujeito sobre si, com o uso do controle destes dados para uma autoadministração em nome da *otimização* da vida.

Ao lermos os anúncios da *Rewind*, torna-se claro que o ideal de produtividade que eles visam alcançar entende a memória humana como um enorme banco de dados a ser pesquisado e acessado, sem filtro, a qualquer momento. Isso leva ao nosso quarto ponto, que diz da ideia de que esquecer seria um problema.

Assumir o esquecimento enquanto estritamente maléfico, ignora o caráter do recalçamento descrito por Freud (2010) enquanto mecanismo de defesa frente às vivências que nos afligem, mesmo que não nos demos conta no exato momento em que elas ocorreram. Aquilo que não *resgatamos* em nossa memória, mais do que mero esquecimento, pode sustentar uma relação com lembranças recalçadas às quais ainda não temos condições subjetivas de lidar por nossa conta. A hipervigilância constante opera como certo afrouxamento desta nossa poderosa ferramenta de proteção cognitiva. Consideremos que, de fato, os usuários do *Pendant* o utilizem à risca, buscando voltar às memórias gravadas. Por ter em mãos um arquivo digital com todas as vivências, sem exceção, é possível que algumas destas pessoas sintam a necessidade de assistir ou ouvir novamente conversas dolorosas e traumáticas de forma angustiante e destrutiva, como já é feito de certa forma parecida com a releitura de históricos de mensagens instantâneas ou de postagens e comentários em redes sociais. Pensemos então por um momento no impacto para a formação subjetiva de uma criança que cresce usando um destes *Pendants* da *Rewind* e se desenvolve sem a opção de esquecer seus traumas ou preencher suas narrativas com a imaginação. Uma experiência de infância como esta não será sem consequências. O que somos e como vivemos é marcado pela história de nossas vidas e fantasias que criamos sobre nosso passado; abdicar dessa experiência de formação subjetiva poderá causar danos irreparáveis ao que, até então, conhecemos como formação do inconsciente. Ainda assim, não é preciso esperar que crianças cresçam usando dispositivos como estes para observarmos a atual crise da memória e da preservação da história diante da comunicação digital, em que o passado é reeditado e os imaginários coletivos possuem seus significados constantemente esvaziados.

Considerações finais

Há, cada vez mais, uma categórica reescrita do passado, facilmente identificada pelo desmantelamento da memória e resignificação (ou dessignificação) de símbolos que carregam contextos históricos pertinentes, principalmente para manipulações políticas como as realizadas por instituições como Cambridge Analytica para produção de confusão em eleitorados e novas narrativas políticas. Na comunicação do presente composto por *headlines*, *tweets*, *posts* e *stories*, a falta de contexto anula o trajeto do conhecimento em sua temporalidade, levando à inúmeras (des)interpretações, ao esvaziamentos de sentido e a desonestidades intelectuais. Conjuntura que propicia e se alinha à rápida propagação de

fake news e das máquinas de desinformações, numa tentativa de instaurar definitivamente a *civilização do esquecimento*, a sociedade de um *ao vivo* (*live coverage*), da reclusão no presente em si, sem passado e sem futuro (Santaella, 2021), posto que sem extensão, sem duração (Virilio, 1993). Há então a inserção da História como tempo saturado de *agoras* (Benjamin, 1987), no qual o passado é visto como *obsoleto* e, portanto, *inútil* (Whitrow, 1993). A História é então compreendida apenas como um *presente estendido* (Bucci, 2021).

Para Theodor Adorno (1995 [1963]), “a única coisa que nossa impotência [*diante dos avanços do capitalismo e ideais fascistas*] pode lhes oferecer é a lembrança”. O jornalismo ainda seria capaz de guiar-se eticamente como porta-voz dessa lembrança, mas quando nossas memórias se tornam apenas dados na velocidade da luz e informações efêmeras para aumento de receita em anúncios digitais – como será a produção de nossa atual história para as gerações futuras?

Perante os impasses causados pela aceleração no digital, percebemos então que a economia da atenção e a captura do olhar na sociedade da informação dependem da velocidade para sua existência. Pela captura do olhar, a velocidade da luz é a velocidade que dita uma sociedade guiada pela imagem digital. Na atual *instância da imagem ao vivo* predomina a instância da velocidade da luz, sendo assim a representação do *capital* na velocidade da luz. A aceleração imanente acarreta no desaparecimento da reflexão, do discernimento e da contemplação. Explica Bucci que “como regra, no modo regular das comunicações na velocidade da luz, o sujeito é convocado a reagir impulsivamente. Não lhe é dado tempo para refletir. O tempo de pensar não pode existir” (2021, p. 195).

Byung-Chul Han, em linha com a afirmação de Bucci, expõe a força que as redes de comunicação de informações digitais possuem em suprimir a razão através da velocidade imposta em sua forma. Dessa maneira, “não é possível *demorar* em informações. A coação de aceleração inerente às informações recalca as práticas de tempo intensivo, cognitivas, como saber, experiência e compreensão e nos priva da racionalidade” (Han, 2022, p. 35). É necessário para a existência do modelo de negócios destas plataformas digitais que a produção de informações seja incessante, sedutora e acelerada, independente do conteúdo.

Logo, nesse presente acelerado de imagens efêmeras, a pressa e a ilusão de que podemos evitar a todo custo nossas faltas (cobrindo cada uma com promessas de consumo tecnológico), encontram dificuldades para produzir memória. As informações disseminadas sem trajetória

e sem contextos são rapidamente amontoadas e então esquecidas, pois como sintetiza Kundera, “o nível de velocidade é diretamente proporcional à intensidade do esquecimento”. Dessa forma que, como explica Chul Han, “sobre a pressão do tempo, acabamos escolhendo pela inteligência [smart]” (Han, 2022, p. 36) neste caso, a artificial, que não hesitará em desmanchar no ar, em dados, a solidez do nosso passado.

Referências

ADORNO, Theodor W. O que significa elaborar o passado. In: *Educação e emancipação*. trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995, pp. 29-50.

BENDER, Emily M.; GEBRU, Timnit; MCMILLAN-MAJOR, Angelina; SHMITCHELL, Shmargaret. On the dangers of stochastic parrots: Can language models be too big? In: *Proceedings of the 2021 ACM Conference on Fairness, Accountability, and Transparency (FAccT '21)*. Association for Computing Machinery, New York, NY, USA, 610–623. Disponível em: <https://doi.org/10.1145/3442188.3445922> Acesso em: 21 de Julho de 2024.

BUCCI, Eugênio. *A superindústria do imaginário: Como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CESARINO, Letícia. *O mundo do avesso*. São Paulo: Ubu, 2022.

COECKELBERGH, Mark. *Ética na inteligência artificial*, trad. Clarisse de Souza et al. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

CRARY, Jonathan. *Terra arrasada: Além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista*, trad. Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu, 2023.

CRARY, Jonathan. *24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono*, trad. Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

FISHER, Mark. *Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?*, trad. Rodrigo Gonsalves; Jorge Adeodato; Maikel da Silveira. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.

FREUD, Sigmund. *Obras completas*, vol. 10. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913), trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

HAN, Byung-Chul. *Infocracia: Digitalização e a crise da democracia*, trad. Gabriel S. Philipson. Petrópolis: Vozes, 2021.

KNOWLES, Tom. I'm so sorry, says inventor of endless online scrolling. *Times*, London. n. 27 abr. 2019. Disponível em: <https://www.thetimes.com/article/i-m-so-sorry-says-inventor-of-endless-online-scrolling-9lr59mdk> Acesso em: 21 de jan. de 2025.

LACAN, Jacques. *Escritos*, trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. Capítulo "O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada" (1945), p. 189–200.

KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser*. São Paulo: Cia das Letras, 2017.

KUNDERA, Milan. *O livro do riso e do esquecimento*, trad. Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Cia de Bolso, 2008.

MOROZOV, Evgeny. *Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu, 2018.

MOROZOV, Evgeny; BRIA, Francesca. *Cidades inteligentes*. São Paulo: Ubu, 2019.

PAUL VIRILIO: Pensar a velocidade. Direção: Stéphane Paoli. Produção de Alexandre Hallier. France, La Générale de Production, 2008. Canal Curta. (52 min). Disponível em: https://canalcurta.tv.br/filme/?name=paul_virilio_pensar_a_velocidade Acesso em: 21 de jul. de 2024.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; DIJCK, José van. Plataformisation. *Internet Policy Review*, v. 8, n. 1, 2019. Disponível em: <https://policyreview.info/concepts/platformisation>. Acesso em: 23 de Janeiro de 2025.

RIBEIRO, Dimas; CASTILHO, Jade, GUIMARÃES, Leonardo. Os paradoxos das Novas Gerações. *Consumidor Moderno*, São Paulo, n. 249, agosto de 2019. p. 20–40. Disponível em: <https://online.fliphtml5.com/ubti/cutf/#p=20> Acesso em: 21 de jul de 2024.

SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SANTAELLA, Lucia. Desafios e dilemas da ética na inteligência artificial. In: GUERRA FILHO, Willis S. et al. (org.). *Direito e inteligência artificial: fundamentos*, v. 1 – Inteligência artificial, ética e direito. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2021.

VIRILIO, Paul. *O espaço crítico*. São Paulo: Ed. 34, 1993.

WEBSTER, Mark. The state of ai in the online marketing industry: 2023 Report. In: *Authority hacker*. 15 nov 2024. Disponível em: <https://www.authorityhacker.com/ai-survey/>. Acesso em: 20 de jan de 2025.

WHITROW, Gerald J. *O tempo na história: concepções de tempo da pré-história aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ŽIŽEK, Slavoj. *Como ler Lacan*. São Paulo: Zahar, 2010.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância*. São Paulo: Intrínseca, 2021.